

Os Aruaques

edição brasileira© Hedra 2021
organização© Erik Petschelies e Peter Schröder
tradução do alemão© Erik Petschelies

título original *Die Aruaken* (1917)

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão e preparação Renier Silva
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-22-2

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Os Aruaques

Max Schmidt

Erik Petschelies e Peter Schröder (*organização*)

Erik Petschelies (*tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Max Schmidt (Hamburgo, Alemanha, 1874–Assunção, Paraguai, 1950), filho de jurista, estudou ciências jurídicas e doutorou-se em direito romano na Universidade de Erlangen, em 1899. Entre este ano e 1929, trabalhou no Museu de Antropologia de Berlim, primeiro como voluntário, depois como assistente de direção e, por fim, como chefe da seção americanista. Em 1916, defendeu seu segundo doutorado, desta vez em antropologia, com a tese “Os aruaques”. No ano seguinte, tornou-se professor da Universidade de Berlim. Em 1929, mudou-se definitivamente para a América do Sul, inicialmente para o Brasil e em seguida para a capital paraguaia Assunção. Ali lecionou na Escuela Superior de Filosofía, e dirigiu entre 1934 e 1946 o Museo Etnográfico Andrés Barbero. Schmidt foi um dos pioneiros da etnologia sul-americanista, ao realizar três expedições ao Brasil central e ao Pantanal (em 1900, 1910 e 1926–1828), além de várias pequenas incursões de campo durante sua estadia no Paraguai. Publicou artigos e livros sobretudo nos âmbitos da etnologia indígena, antropologia jurídica e econômica. Faleceu em Assunção, no ano de 1950.

Os aruaques, publicado em 1917, é um clássico da etnologia sul-americanista. Escrito durante o período da Primeira Guerra Mundial, apresenta uma análise dos povos indígenas falantes de línguas aruaque. Durante suas expedições, Max Schmidt já tinha observado a influência cultural dos povos aruaques sobre outros grupos, além de sua enorme expansão espacial pelas terras baixas da América do Sul. No entanto, propõe explicar não sua origem geográfica, mas a dinâmica cultural. Schmidt usa de distinções claras entre fenômenos linguísticos e culturais ao longo do livro, além de conceitos específicos como *aculturação*, *difusão* e *mudança cultural*.

Erik Petschelies nasceu em Reinbek, Alemanha, em 1986. É bacharel em Ciências Sociais, mestre e doutor em Antropologia, sempre pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Entre 2016 e 2017, foi pesquisador-visitante da Philipps-Universität Marburg na Alemanha. Atualmente faz seu pós-doutorado em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP). Emprende pesquisas em História e Teoria da Antropologia, Historiografia da Ciência e História dos Povos Indígenas. É casado e pai de um filho.

Peter Schröder nasceu em Hannover, Alemanha, em 1960. Formou-se em etnologia pelas universidades de Marburg, Köln e Bonn, e doutorou-se em 1993 pela Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität. Professor associado no programa de pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, é também pesquisador do CNPq. Pesquisa os povos indígenas Guajajara e Fulni-ô, movimentos políticos indígenas, antropologia do desenvolvimento e história da antropologia. Desde 2009, pesquisa também as relações entre antropologias alemã e brasileira, focado na vida e obra do etnólogo Curt Nimuendajú.

Coleção Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.

Sumário

Introdução, <i>por Peter Schröder</i>	11
Nota sobre a tradução, <i>por Erik Petschelis</i>	23
OS ARUAQUES.	29
Primeiras considerações	31
A cultura aruaque	35
A expansão	51
Os meios para expandir	63
A essência efetiva	95
A relação com as demais culturas	103
Os bens culturais individuais	113
Resultado final	125
APÊNDICE.	129
Caminhos próprios, <i>por Michael Kraus</i>	131
Max Schmidt, de 1874 a 1950, <i>por Herbert Baldus</i>	165
Os últimos dias, <i>por Paulo de Carvalho Neto</i>	171

Primeiras considerações

Considerações metodológicas preliminares

Múltiplas são as tarefas da antropologia, e igualmente múltiplos são os métodos para se aproximar gradualmente da solução destas tarefas. Desde o desabrochar dessa jovem ciência nas últimas décadas, os seus problemas e sucessos foram cada vez mais incluídos nos domínios de outras ciências análogas, as quais, como ela, aspiram em sua elevada finalidade última, ao registro universal das diferentes manifestações da humanidade e de seu desenvolvimento, seja como fim em si mesma, seja como meio para o progresso das tarefas culturais humanas em fundamentos científicos. Não se considera mais apenas as qualidades da etnologia como disciplina autônoma, mas ela também se tornou uma ciência auxiliar das ciências históricas, da psicologia, das ciências da religião, da jurisprudência e principalmente também da sociologia, com seu ramo principal, a economia nacional. Isso lhe provém exigências completamente novas, especialmente nos aspectos sistemáticos. Para ela, estas exigências se consideram quanto ao método e à elaboração sistemática, frequentemente antecipando amplos rumos científicos, não mais apenas como meio auxiliar para o estímulo de novas perguntas ou para exposição de novos métodos. Ela não pode mais construir seus caminhos apenas através dos terrenos que lhe cabem seguindo o exemplo dessas ciências vizinhas, mas de sua parte ela precisa contribuir para ligar em seu território uma aferente rede de caminhos às elevadas metas conjuntas de todas as partes e se expandir em seu território da forma mais perfeita possível. Somente por uma rede de caminhos regulada desta maneira, a etnologia pode progredir, senão ela acaba no caminho errado e perde assim a correspondência com o formidável fluxo em diante das ciências vizinhas e com isso o seu significado e a posição que merece.

Já no ano de 1912, Weule postulou que a etnologia observasse mais atentamente do que tenha feito até então nas suas investigações o curso e o desenvolvimento das camadas raciais e populacionais em cada parte isolada da Terra. Ele afirma que a tarefa da etnologia consiste em “investigar e revelar autonomamente os processos da colonização e da formação dos povos em cada lugar da superfície da terra através dos usos e costumes, como também dos utensílios domésticos da vida cotidiana dos povos”.¹

Justamente no presente trabalho sobre a expansão das culturas aruaques na América do Sul me ficou muito claro o quanto esse postulado para a antropologia ainda ficou negligenciado até então nos estudos americanistas. Faltam completamente até agora trabalhos preliminares sistemáticos para a solução do problema sociológico, de qual maneira ocorre a expansão das culturas sul-americanas,² e, no entanto — podemos dizer *infelizmente* — se conta frequentemente com essa propagação em trabalhos etnológicos. Se, assim, os resultados do meu trabalho, substancialmente construído sobre fundamentos sociológicos, frequentemente não estiverem de acordo com opiniões anteriores, esta diferença se baseia principalmente na aplicação do presente método, e por esta razão, eu preciso discutir mais especificamente aspectos metodológicos gerais para a minha própria justificação.

Por um lado — pode-se dizer do ponto de vista sociológico mais sem senso crítico — contou-se nos últimos tempos com a propagação das culturas sul-americanas em nome da *teoria dos círculos culturais*, que recentemente levantou muita poeira na disputa por questões metodológicas. Através de Gräbner³ e principalmente através de P. W. Schmidt,⁴ esta doutrina foi introduzida nos estudos americanis-

1. Karl Weule, *Völkerkunde und Urgeschichte im 20. Jahrhundert* [Etnologia e Pré-História no século XX], 1902, p. 3 e 20.

2. Do modo de intrusão da cultura europeia em uma determinada região de índios sul-americanos trata o capítulo 10 do meu *Indianerstudien in Zentralbrasilien: Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900–1901* [Estudos indígenas no Brasil Central. Vivências e resultados etnológicos de uma viagem nos anos 1900–1901], Berlim, 1905.

3. Dr. F. Gräbner, “Die melanisische Bogenkultur und ihre Verwandten” [A cultura melanésia do arco e os seus afins]. Em *Anthropos*, v. IV, fasc. 3, 4, 5, 6, 1909. Do mesmo autor, *Methode der Ethnologie* [Método da etnologia], Heidelberg, 1911.

4. P. W. Schmidt, “Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika”. Em *Zeitschrift für Ethnologie*, ano 45, fasc. VI, 1913, p. 1014 ss [Ed. bras.: *Ethnologia*

tas, e por sua estreita ligação com o nosso tema especial nós ainda a enfrentaremos detalhadamente no decorrer do trabalho. Aqui não é o local para discutir individualmente as controvérsias sobre se a semelhança de certos fenômenos culturais em regiões espacialmente separadas se deduz de uma origem autônoma ou de uma propagação cultural, respectivamente, das relações populacionais. Por isso para uma orientação sobre esse grande debate eu recomendo o resumo claro e a apreciação de Arthur Haberland.⁵ Evidentemente uma opinião definitiva sobre isso só pode ser pronunciada após uma elaboração acurada de um material factual o mais extenso possível, que se relaciona especialmente com o modo de origem de tais fenômenos culturais, assim como com a propagação das culturas locais. Somente após um longo trabalho prévio nesta direção se decidirá se, nos casos individuais, se houver concordância, se apresenta uma origem autônoma ou empréstimos nos fenômenos culturais.

Além disso, na mistura colorida de unidades culturais sul-americanas, que se reflete claramente na complexidade linguística, a diversidade de certos elementos culturais em regiões espacialmente próximas é tão perceptível como a semelhança de tais elementos culturais em regiões espacialmente separadas. Esse fenômeno também somente encontrará a sua explicação no tratamento sistemático do modo de formação e propagação das culturas sul-americanas, respectivamente, dos bens culturais individuais.

Através da exposição acima já foram indicados de forma geral as diretrizes do presente trabalho, bem como a finalidade de seus resultados. Ele deverá acarretar, por conta dos fatos determinados principalmente pelas minhas próprias pesquisas, através de um método indutivo, em uma contribuição para a solução de um dos problemas mais importantes, o qual as ciências afins da etnologia nos põem como postulado urgente, e ao qual nós mesmos somos impelidos através da nossa própria ciência. Para ser completamente justo a esta tarefa, para

sul-americana: círculos culturais e estratos culturais na América do Sul. Trad. Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942].

5. Arthur Haberland, *Prähistorische Parallelen* [Paralelos pré-históricos]. Tese de doutorado da Universidade κ. κ. de Viena. Braunschweig, 1912. Veja também Dr. M. Haberland, "Zur Kritik der Lehre von den Kulturschichten und den Kulturkreisen" [Para uma crítica da doutrina dos estratos culturais e dos círculos culturais]. Em *Petermanns Mitteilungen*, fasc. 3, 1911, p. 113. Veja também Weule, *op. cit.*, p. 6 e 26.

estabelecer verdadeiramente os fundamentos da expansão posterior desse problema quanto à América do Sul, evidentemente precisam ser usados, com a maior integralidade possível, os resultados relacionados ao nosso problema, encontrados por ciências cujos caminhos são mais dedutivos. Eles precisam dar a forma ao trabalho, enquanto o conteúdo mesmo baseia-se apenas na observação dos fatos delimitados.

Uma vez que o alcance deste trabalho se estende para além do âmbito dos estudos americanistas, devido às perguntas principais contidas em sua exposição, assim, para uma melhor compreensão geral dos fatos especiais abordados, eu preciso anteceder, no primeiro capítulo, as partes essencialmente principais do meu trabalho em uma visão geral sobre as culturas aruaques. Seguem-se nos três capítulos seguintes a parte principal de fato, isto é, inicialmente são tratados os motivos da expansão das culturas aruaques, então os meios, através dos quais a expansão é realizada, e por fim, a essência e os fenômenos consequentes dessa expansão mesma. No quinto capítulo segue então uma argumentação sobre a posição das culturas aruaques em relação às culturas restantes da América, e o sexto capítulo trata da influência da forma de expansão das culturas aruaques sobre a modificação dos bens culturais individuais. O capítulo final compõe por fim uma descrição condensada dos resultados da presente investigação, com uma perspectiva para o alcance que o princípio de expansão determinado para as culturas aruaques possui para estudos etnológicos subsequentes.

A cultura aruaque

Exposição geral sobre as culturas aruaques

Para poder compreender corretamente o estado atual das culturas aruaques na América do Sul, precisamos nos lembrar de que se trata aqui do resultado de um determinado desenvolvimento histórico que remonta a períodos extensos. Os dados históricos sobre essas culturas, cujos portadores formam o grupo populacional mais difundido na América do Sul, remontam à época da Descoberta, pois foram eles os povos com os quais os descobridores se depararam em seu primeiro desembarque em solo americano, na ilha de São Domingos.¹ Mas quantas mudanças os Aruaques não experienciaram no decorrer dos séculos desde esse acontecimento histórico tão incisivo para eles, o primeiro contato entre o Velho e o Novo Mundo! Como ainda veremos mais à frente, determinados fatores característicos de suas relações culturais aceleraram o processo de assimilação entre eles e a cultura europeia invasora de maneira que dificilmente se repetiu com outro grupo populacional do continente sul-americano.

Devido a circunstâncias favoráveis, somos relativamente bem informados por meio de relatos detalhados e confiáveis sobre grandes partes da vasta região ocupada atualmente ou em tempos anteriores por tribos aruaques. Ehrenreich fornece em seu trabalho “A etnografia da América do Sul no início do século xx com consideração especial para os povos primitivos”² uma breve visão geral sobre aquilo que nos era

1. Atuais Haiti e República Dominicana.

2. “Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des 20. Jahrhunderts unter besonderer Berücksichtigung der Naturvölker”. Em *Archiv für Anthropologie*, nova série, v. 3, fasc. 1, p. 47–48. Veja também o trabalho anterior de Ehrenreich, “Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnis” [A divisão e expansão das tribos étnicas do Brasil, de acordo com o nosso atual estado de conhecimentos]. Em *Petermanns Mitteilungen*, fasc. 4 e 5, 1891, p. 3, 15 e 16. Com mapa.

conhecido em 1904 sobre as diferentes tribos pertencentes ao grande ramo cultural aruaque.³

Uma boa parte das pesquisas de Koch-Grünberg, nos anos de 1903 a 1905, foram estudos dedicados às tribos aruaques do noroeste brasileiro e, conseqüentemente, eles também ocupam um espaço considerável nas publicações dos resultados de suas viagens.⁴ “As línguas aruaque do noroeste do Brasil e das regiões adjacentes” foi publicado por Koch-Grünberg em uma obra à parte.⁵

Além disso, são de grande importância para as pesquisas sobre as culturas aruaques as tão bem sucedidas expedições científicas de Nordenskiöld. Por um lado, devemos às suas viagens minuciosas descrições sobre os Chané, pertencentes ao grupo aruaque, com esclarecimentos importantes sobre suas relações com os Chiriguano e outras tribos vizinhas,⁶ por outro lado, Nordenskiöld nos forneceu pela primeira vez, através de escavações sistemáticas, um conhecimento da antiga cultura aruaque. Somados aos relatos dos autores antigos, os

3. Uma vez que, também para a finalidade do nosso trabalho, pode-se tratar somente de uma visão geral sobre estas tribos, é completamente suficiente apontar neste momento para o trabalho de Ehrenreich. Mas como complemento aqui levamos em consideração uma quantidade de pesquisas importantes do período posterior à compilação de Ehrenreich, ou seja, após o ano de 1904.

4. Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter den Indianern: Reisen in Nordbrasilien 1903–1905*, 2 volumes, Berlim, 1909. [Ed. bras.: *Dois anos entre os indígenas: viagens no noroeste do Brasil*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2005]. Para um índice dos escritos isolados sobre as observações desta viagem, veja volume 1, prefácio, p. 2. Da última viagem de Koch-Grünberg nos anos de 1911–1913 até agora, temos apenas comunicações provisórias, mas pelas quais já se pode ver que podemos esperar do trabalho definitivo um enriquecimento dos nossos conhecimentos sobre as culturas aruaques. Veja Koch-Grünberg, “Abschluß meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, usw.” [Término da minha viagem através do norte do Brasil ao Orinoco, etc.]. Em *Zeitschrift für Ethnologie*, ano 45, fasc. III, 1913, p. 448. Tal como em: *Korrespondenzblatt der Deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, ano XLIII, 1912, p. 97. O mesmo: “Meine Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco 1911–1913” [Minha viagem através do norte do Brasil ao Orinoco, 1911–1913]. Em *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 1913, p. 1.

5. Em *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, v. 41 (3ª Série, v. 11), Viena, 1911.

6. Erland Nordenskiöld, *Indianerleben. El Gran Chaco (Südamerika)* [Vida indígena. El Gran Chaco (América do Sul)], Leipzig, 1912.

seus resultados arqueológicos nos dão um bom retrato do nível cultural dos antigos Mojo e Bauré,⁷ cujos descendentes nas missões há muito decadentes podem ser considerados apenas vestígios lastimáveis desse centro cultural aruaque. Informações mais recentes sobre os Parecis foram apresentadas por Roquette-Pinto no Congresso Americanista em Londres em 1912 com o título “Os índios Nambiquara do Brasil Central: resultados etnográficos da Expedição Rondon”⁸

Minha expedição etnográfica no ano de 1910 à região das nascentes dos rios Cabaçal, Jauru, Juruena e Guaporé, na serra dos Parecis, me levou à região fronteiriça dos Parecis, que já conhecíamos através de relatos antigos desde o ano de 1723 e cuja língua, como von den Steinen já averiguara,⁹ pertence ao grupo aruaque com o típico prefixo pronominal “nu”. Com o auxílio de dois índios parecis eu alcancei, através de um aldeamento indígena junto ao Cabaçal, com o nome de Zagurigatsé, os índios até então desconhecidos da região das nascentes do Jauru e do Juruena. Também em aspectos geográficos, esta última permaneceu até agora uma completa terra incógnita. Aqui, neste canto do mundo tão afastado da cultura europeia, tive a oportunidade de experimentar, de certo modo, no convívio com os índios, a propagação da cultura Pareci, ou seja, uma parte da cultura aruaque, pelas unidades populacionais circunvizinhas. Na publicação dos resultados desta viagem,¹⁰ tratei, na primeira parte, dos dados históricos que nos foram informados sobre os Parecis e as suas tribos vizinhas

7. Do mesmo autor: “Urnengräber und Mounds im bolivianischem Flachlande” [Urnas funerárias e morros na planície boliviana]. Em *Baessler-Archiv*, v. 3, fasc. 5, 1913, Leipzig e Berlim, p. 205 ss; “Archäologische Forschungen im bolivianischem Flachland” [Pesquisas arqueológicas na planície boliviana], em *Zeitschrift für Ethnologie*, ano 42, fasc. 5, 1910, p. 806 ss; *Indianer och Hvita* [Índios e brancos], Estocolmo.

8. No original: “Die Indianer Nambiquaras aus Zentral-Brasilien: Ethnographische Ergebnisse der Expedition Rondon”.

9. Karl von den Steinen, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*, Berlim, 1894, p. 427. [Ed. bras.: *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.]

10. Max Schmidt, *Die Paressi-Kabisí. Ethnologische Ergebnisse der Expedition zu den Quellen des Jaurú und Juruena* [Os Paresí-Kabizi: resultados etnológicos da expedição às nascentes do Jauru e do Juruena]. Em *Baessler-Archiv*, Leipzig e Berlim, v. 4, fasc. 4-5, 1910. Para orientação, conferir o meu curto relato de viagem no ano de 1912, fasc. 1, da *Zeitschrift für Ethnologie*: Max Schmidt,

junto com as minhas próprias observações sobre a expansão da cultura Parecí. Ali também já aponteí para o fato de que esse modo de expansão da cultura aruaque não é singular, mas que também pode ser demonstrado em outras regiões. Embora eu já tivesse, à época, consciência da importância da questão, até certo ponto apenas por mim abordada, optei por adiar seu tratamento meticuloso para uma oportunidade posterior, pois uma elaboração extensa deste tema especial não teria se enquadrado no meu trabalho, limitado pelo formato.¹¹

Antes de seguir com a expansão espacial das tribos aruaques, precisamos esclarecer o sentido do nome *Aruaque* levado em consideração aqui. Ehrenreich afirma em um trecho de sua acima citada etnografia da América do Sul no início do século xx:

Com nomes como Caraíbas, Aruaque, Tupi, Jê, reunimos tribos com línguas aparentadas, cuja afinidade só pode ser confirmada por análise científica. Delas pode-se deduzir um hipotético povo primordial, da mesma forma como as assim chamadas tribos indo-germânicas no Velho Mundo.¹²

Como veremos posteriormente, a segunda destas duas frases não se mostra convincente perante a nossa presente investigação. Nos parece importante salientar que o termo *Aruaque*,¹³ como nós aqui o usamos, e como ele agora é usado predominantemente nos estudos americanistas, diz respeito a um conceito artificial, criado pelos especialistas, sob o qual é resumida certa quantidade de tribos de línguas semelhantes do continente sul-americano. Não há dúvida de que entre povos com línguas aparentadas há, ou ao menos houvesse, em tempos passados, certas conexões ou relações culturais diretas ou indiretas. Mas não podemos supor a partir de casos individuais, sem prova determinada, que as fronteiras destas conexões ou relações culturais também coincidam com aquelas do parentesco linguístico.¹⁴ Apenas podemos concordar com a afirmação de Ehrenreich, de que somente sobre bases linguísticas é possível realizar uma orientação razoavelmente satisfatória do

“Reisen in Matto-Grosso im Jahre 1910” [Viagens em Mato Grosso no ano de 1910], p. 131–137.

11. Max Schmidt, *Die Paressí-Kabisí*, p. 174 ss.

12. *Op. cit.*, p. 43.

13. Ou Arowake.

14. Mais à frente, apontaremos episódios que demonstram como realmente não é este o caso.

emanhamento das incontentáveis pequenas tribos sul-americanas,¹⁵ enquanto se trata de uma orientação *provisória*. Para produzir um esclarecimento efetivamente fundamental das relações tribais, outros métodos além da comparação linguística deverão ser consultados, mas para a presente visão geral sobre as culturas aruaques é suficiente aceitar temporariamente o princípio predominante de classificação linguística, e usar o nome coletivo *aruaque* neste sentido. Falaremos do plural, das *culturas aruaques*, já que estas culturas estão interrelacionadas temporalmente, mas, ao menos na atualidade, não o estão espacialmente em todos os lugares.

K. von den Steinen deve ser considerado o verdadeiro fundador do nome coletivo linguístico *Aruaque*. Os resultados das suas duas expedições ao Xingu se tornaram revolucionários para muitas outras coisas na etnologia sul-americana, como também para a classificação das muitas tribos da América do Sul.¹⁶ Já P. Gilij¹⁷ Este autor pressupusera a afinidade de diferentes tribos que hoje reunimos com o nome coletivo de *Aruaque*, e através de Lucien Adam,¹⁸ por meio do tratamento do material linguístico coletado por Crevaux, se criou a oportunidade de contrapor estas tribos, enquanto tribos Maipuré, aos Karib. Uma vez que a afinidade linguística da maioria destas línguas consideradas cognatas já é caracterizada superficialmente pelo prefixo pronominal *nu*, K. von den Steinen propôs para elas, desse modo, o nome de *tribos Nu*.¹⁹ Essas tribos Nu formam, juntas com os Aruaques da costa noroeste da América do Sul, uma família de povos caracterizada por um traço linguístico comum, e por isso von den Steinen une esses dois

15. Ehrenreich, *Die Ethnographie...*, p. 42.

16. Karl von den Steinen, *Durch Zentralbrasilien: Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884* [Através do Brasil Central: expedição para a exploração do Xingu no ano de 1884], Leipzig, 1886. Do mesmo autor: *Unter den Naturvölkern...*

17. Filippo Salvatore Gilij, *Saggio di Storia Americana o sia Storia naturale, civile, e Sacra de' regni, e delle provincie Spanuole di Terra-ferma nell' America meridionale*, Roma, 1782, tomo III, p. 239. "Ma in nulla più detta provincia de' Mossi somiglia l'Orinoco, che nel parlare di quegli' Indiani simile a quello de' Maipuri. Questo parrà strano in tanta lontananza di luoghi". Veja K. von den Steinen, *Durch Zentralbrasilien*, p. 290; Ehrenreich, "Die Einteilung...", *op. cit.*, p. 15.

18. Ehrenreich, *op. cit.*, p. 3.

19. K. von den Steinen, *Durch Zentralbrasilien*, p. 294.

grupos de tribos sob o nome Nu-Aruaque.²⁰ Na segunda obra sobre o Xingu, ele aplicou de maneira geral a designação “Nu-Aruaque” para as tribos Nu²¹ recém-descobertas, e por isso esta designação foi geralmente aceita pela etnologia moderna;²² no entanto, recentemente eliminou-se novamente o termo *Nu* desta designação,²³ e se reuniu sob o nome *línguas aruaque* todas as línguas das tribos pertencentes à grande família de povos acima mencionada, incluindo assim as tribos Nu. Portanto, é também neste sentido que deve ser compreendido o termo *aruaque* quando falamos da expansão destas culturas.

Os mapas de K. von den Steinen²⁴ e Ehrenreich²⁵ dão a melhor visão geral sobre as vastas regiões sul-americanas, sobre as quais as tribos aruaques e, assim, os portadores das culturas aruaques estão difundidos. Como complemento para a região do Alto Rio Negro e Japurá deve ser usado o mapa dos povos²⁶ de Koch-Grünberg.²⁷

20. Ibidem, p. 294–298.

21. K. von den Steinen, *Unter den Naturvölkern...*, p. 158.

22. Veja, por exemplo, Ehrenreich, “Die Einteilung...”, *op. cit.*, p. 15. Dr. Ludwig Kersten, “Die Indianerstämme des Gran Chaco bis zum Ausgange des 18. Jahrhunderts” [As tribos indígenas do Gran Chaco até o fim do século XVIII]. Em *Internationales Archiv für Ethnographie*, v. XVII, 1905, p. 69.

23. De acordo com Ehrenreich, “Die Ethnographie...”, p. 47 (“Arowaken”). Erland Nordenskiöld, *De sydamerikanska indianernas kulturhistoria* [A história cultural dos índios sul-americanos], Estocolmo, p. 14 (“Arowakerna”). Koch-Grünberg, por exemplo, em sua dissertação: *Die Aruaksprachen Nordwestbrasilens und der angrenzenden Gebiete* [As línguas aruaque do noroeste do Brasil e das regiões adjacentes]. Max Schmidt, 2010, *op. cit.*

24. K. von den Steinen, *Durch Zentralbrasilien*. Depois da p. 298: “Visão geral das tribos mais importantes relevantes para a relação entre Nu, Karib e Tupi, bem como para o agrupamento dos Tapuia”.

25. Ehrenreich, “Die Einteilung...”. Em *Petermanns Mitteilungen: Ethnographische Karte von Brasilien*.

26. Koch-Grünberg, depois da monografia citada sobre as línguas aruaque do noroeste do Brasil e das regiões adjacentes: “Völkerkarte des Gebiets am oberen rio Negro und Yapura mit besonderer Berücksichtigung der Aruak-Stämme” [Mapa dos povos da região do Alto Rio Negro e Japurá com consideração especial para com as tribos aruaques].

27. Veja o mapa linguístico de Erland Nordenskiöld depois da p. 18 de seu livro *De sydamerikanska...*, em que a região do grupo Aruaque como um todo é delimitada por uma linha. O mapa linguístico de P. Schmidt precisa ser designado como impreciso, o qual ele anexa, sob o título “Estratificação

O esboço de mapa, em anexo, sobre a expansão das culturas aruaques, que também considera pesquisas mais recentes, mostra que a localização da maior parte das tribos atualmente se situa nos afluentes superiores do Amazonas. No entanto, nós também as encontramos em grande número no Orinoco e nas Guianas.

Antigamente as Antilhas eram ocupadas por Aruaques. Os Guajiro, habitantes do norte da Venezuela, também pertencem ao seu grupo. As tribos do Purús, sobretudo os Apurinã, dispersos por um território bastante extenso, servem como ponte para as tribos Piro e Anti do Ucayali, por um lado, e para as tribos Mojo e Bauré do Marmoré, por outro. Dali mais para o sul, os Chané devem ser considerados uma tribo aruaque.²⁸ Por fim, os Parecis formam o elo de ligação com as ramificações orientais desse grupo no Xingu, bem como com suas ramificações mais meridionais na região da bacia do Paraguai, os Guaná e seus parentes.²⁹

Diversos fenômenos destacados entre os povos aruaques, espalhados em um território tão vasto, produziram questões importantes para a etnologia, cuja solução está intimamente relacionada com a nossa questão sobre o modo de expansão destas culturas.

Uma rápida leitura do mapa anexo deixa claro que a extensa região em que os Aruaque estão difundidos não é habitada unicamente por eles, ou pelo menos não em grandes conjuntos contínuos, mas sim, que em quase todas as partes também se encontram dispersas tribos de outro parentesco linguístico e cultural. Se delimitarmos, como Nordenskiöld o fez em seu pequeno mapa de visão geral acima mencionado,³⁰ as grandes regiões linguísticas dos Aruaques, Karib e Tupi por linhas de contorno, assim poderemos ver que estas grandes regiões linguísticas coincidem espacialmente em grande parte, e que apenas as tribos Tupi se sobressaem muito em sua extensão meridional à região

dos círculos culturais e grupos linguísticos na América do Sul”, a seu estudo “Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika”, *op. cit.* Ao contrário deste mapa, os Goajiro pertencem aos Aruaques, enquanto os chamados Guaná do Chaco não podem ser somados aos últimos.

28. Erland Nordenskiöld, *Indianerleben*, *op. cit.*, p. 156 ss.

29. Sobre o deslocamento demonstrável em tempo histórico destas últimas tribos, veja Max Schmidt, “Guaná”, em: *Zeitschrift für Ethnologie*, 1903, fasc. II e III, e fasc. IV, p. 324ss. Ver também Dr. Ludwig Kersten, “Die Indianerstämme...”, em *Internationales Archiv für Ethnographie*, v. XVII, 1905, p. 69 ss.

30. Acima, p. 11. (referência 27).

dos outros dois grupos linguísticos, mas em compensação recuam a Norte. No limite da expansão oriental das tribos aruaques, acrescentam-se na dispersão territorial também representantes do grupo Jê. Do mesmo modo, em vizinhança imediata dos Yawalapiti, se situam os Suyá, pertencentes ao grupo Jê, e com um conhecimento mais apurado das línguas situadas nas regiões entre o Xingu e o Madeira, em sua maior parte ainda inexploradas, estes limites da expansão dos Jês talvez ainda aumentassem muito em direção a Oeste. Na vasta região entre o Içá e o rio Negro, vemos, por fim, ao lado das tribos aruaques e Karib, o aparecimento das tribos do grupo Betoya em todos os lugares.

Talvez de significância ainda maior do que esta união territorial dos grandes grupos linguísticos seja a dispersão no território Aruaque de hordas de diferentes troncos linguísticos isolados. Geralmente estas vivem em inimizade feroz com as tribos aruaques vizinhas, ainda que por muitas vezes com elas tenham mantido, ao menos em parte, uma relação de dependência. Assim, aparecem na região do rio Negro os Makú entre os portadores da cultura aruaque. O território dos Mojo e Bauré é permeado pelos Siriono, e os temidos Trumai também tornaram inseguro o curso do rio Coliseu no território das tribos aruaques locais, até que eles, após uma derrota decisiva contra os Suyá, fossem submetidos pelos Mehinakú, pertencentes ao grupo aruaque. Diversas vezes deixam-se constatar casos em que apenas uma parte das tribos infiltradas no território aruaque, ou adjacente a ele, tenha sido submetida pelos povos aruaques, e que então é diferenciada como “índios mansos” por parte daquela tribo que permaneceu em antiga independência e, deste modo, também em antiga inimizade, os “índios bravos”. Assim se distinguem os “Maku mansos” dos “Maku bravos”,³¹ os “Kabizi mansos” dos “Kabizi bravos”,³² um contraste que indubitavelmente alude à relação destas tribos de níveis culturais mais baixos com os Aruaques, mais elevados, e que, posteriormente, também foi adotado pelos europeus.

31. Koch-Grünberg, *Zwei Jahre unter...*, vol. I, p. 224.

32. Max Schmidt, *Die Paressi-Kabisí*, p. 168.

COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A Vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. 1)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Charles Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilingue*, Maquiavel
3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilingue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
6. *Præterita*, John Ruskin

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama

27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, na data de 26 de outubro de 2021, em papel pólen soft, composto em tipologia Minion Pro e Formular, com diversos softwares livres, dentre eles Lua^AT_EX^E git.
(v. b4ccef)

